

22 de julho de 2025
nº3
ano 4

Tatuí - SP

JORNAL

BULI

30º FETESP

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro



NO FRESCOR DA HORA

6

O BANQUETE DE HORRORES

YMOIRÁ MICALL

10

SALVE IBEJADA!

MARCUS GROZA

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

16

**NO PICADEIRO, VOAM. NOS BASTIDORES,
PREPARAM AS ASAS.**

ANA MACHADO

21

**DE DENTRO DA SEMENTE VIBRARAM
30 FORÇAS.
COMO PODE CABER TANTA GENTE ASSIM NUM
PALCO?**

LUCAZ EUSÉBIO

PERFIL

26

SOFIA

MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

CHARGES

30

AMEI!

GABRIEL



30

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

TADEU RENATO

31

UM BRINDE

NACÁ

31

RECORD?

KAIÃO

32

É MAIS FACIL MORRER DO QUE AMAR

KAIÃO

33

CÁLICE, O TEMPO RESPONDE CALADO

BORRACHA

34

MEROS

BORRACHA

35

EL PICADERO DE PAOLA BRACHO

BORRACHA

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

36

O GRANDE CIRCO VIDA

LARA MIRARTE



38

GUIA MICHELIN TATHUY – CASA ÁFRICA

GRUPO SETE VERBOS

40

**GUIA MICHELIN TATHUY –
HAMBURGUERIA B&K**

GRUPO SETE VERBOS

42

**GUIA MICHELIN TATHUY – CAFÉ DA
MANHÃ DEL FIOLE**

GRUPO SETE VERBOS

AINDA REVERBERA

44

**SOBRE O AMOR NA PRÁTICA É SEMPRE
AO CONTRÁRIO**

JHONY FURLANETO

47

**VINDO DA NATUREZA É MAIS FÁCIL DE
ENTENDER**

ZUZA

49

EM TEORIA, O AMOR

ABESSA RAMOS, JHONY FURLANETO E LUCAZ EUSÉBIO



52

**POEMA A PARTIR DE ÓPERA DO
MALANDRO**

SARZI

54

**O AMOR, NA PRÁTICA, É SEMPRE AO
CONTRÁRIO**

TIAGO AGUIAR

BASTIDORES

56

FOTOS POR CAMILA FONTENELE

GRUPO SETE VERBOS

EXPEDIENTE

59





O BANQUETE DE HORRORES

POR YMOIRÁ MICALL

apreciação do espetáculo *Cálice, O Circo*, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys – VQV e Douglas Emílio – Conservatório de Tatuí.

Adicione mel y vinagre na sua salada e você terá um sabor agridoce. Apesar de não agradar a todos os paladares, é uma combinação improvável que cria uma experiência gustativa interessante e complexa. Assim acontece com o universo onírico da peça *Cálice, O Circo* que une amor y tragédia para acender luz a assuntos como: vida, morte, relações humanas e confiança. Através da fumaça densa que toma conta

de todo o salão do Centro Cultural de Tatuí, conseguimos enxergar as silhuetas de corpos em desgaste compondo a imagem de uma última ceia. Desde o início, o respeitável público testemunha o assassinato de uma família de artistas circenses. Um flash de luz desperta a Mestra de Cerimônias, que possui sotaque francês carregado y postura imponente. Ela nos conduz ao fato: estão todos mortos. Essas figuras mórbidas, fantasmagóricas, não possuem memória, berram o desespero sem saber o que aconteceu. Logo, precisam descobrir o que causou a fatídica passagem de todos eles. Quem matou o riso? Todos eles são suspeitos: a bailarina apaixonada, a cigana ciumenta, o palhaço macabro, a contorcionista triste, os gêmeos de voz cômica, o pipoqueiro ex-atirador de facas y até mesmo a nossa Mestra de Cerimônia. Um suspeito, um crime: a receita perfeita para servir nesse picadeiro de conflitos, o banquete de horrores está posto à mesa.

Subimos a lona da verdade y agora somos convidadas a simulação dos fatos. Os artistas fazem seu show como álbis para se safar dessa confusão. São mentes encaixotadas metidas a detetives na ânsia de encontrar o culpado. Mas, ainda assim, ninguém se lembra de nada. “Cálice, O Circo” é um resgate da memória de artistas circenses, protagonistas que vêm perdendo cada vez mais espaço no âmbito teatral. O espetáculo, embora destinado à apreciação pública, nasce de uma vivência pessoal do grupo Labirinto do Meio-Dia – Oficinas Culturais da Secretaria de Cultura, da cidade de Gavião Peixoto. Validando um melodrama caseiro temperado a muito suspense, o grupo cultiva suas referências doces y macabras, que vão desde filmes de fantasia a games de aventura. O audiovisual vem sendo muito devorado em produções teatrais

como essa, seja pelo roteiro ou pela própria linguagem, onde o grande efeito se torna maestro dessas combinações e nos faz saborear de reviravoltas. Uma pessoa na plateia compartilha: “me senti assistindo um filme”. Assimilo esse comentário a essas camadas que vão tomando autonomia y vão mesclando com situações alucinantes: ora estamos no tempo dos vivos, ora estamos no tempo dos mortos.

Somos expostas a um circo repleto de segredos soturnos, dando margens a uma narrativa que integra a relação de poder, crime passional y disputa por herança. O ódio toma as rédeas da situação, pois existem aqueles que amam odiar y sorriem diante da violência. Fazendo bom uso da síntese, em determinado momento da peça as memórias são definitivamente resgatadas y aos poucos vamos descobrindo todo o caminho até retornarmos novamente para aquela imagem de desgaste na última ceia — no início da peça. Quando se encontra a razão, as coisas se resolvem, todos estão novamente mortos, uma luz escaneia o trágico banquete, revelando o verdadeiro assassino. Seria o culpado aquele que nas horas tristes gargalha sobre os corpos caídos ou aquele que mantém a máscara de palhaço para se debruçar diante de um ato inescrupuloso? Doces travessuras em nome do horror, o grupo Labirinto do Meio Dia transforma tensão exacerbada em pitadas de humor ácido y nos convoca a pensar nesse sentimento confuso: “morrer para não amar”. Façamos do teatro o nosso lugar para morrer y renascer das cinzas, onde o nosso dever é se sentir bem y não sermos jogadas no vazio-silêncio do esquecimento.





SALVE IBEJADA!

POR MARCUS GROZA

apreciação do espetáculo *Tempus Fugit*,
a partir do painel conduzido por Amanda
Tavares Dias e Paulo Gircys – VQV.

Cantar e tocar coletivamente talvez possa adiar o
fim do mundo. Salve, Ibejada! Em tradições africa-

nas, o tempo não anda em linha reta: ele se curva, se emborca, se deita, ginga e avança. É um tempo que se inscreve no corpo, se acende a partir da memória e se reinaugura no gesto. Especialmente na cosmologia bantu, temos a diferença entre um agora cheio de passado recente, como presença do que se foi mas ainda pulsa (tempo “Sasa”) e a temporalidade dos que vieram antes, da ancestralidade, ligada a raízes profundas que sustentam o eixo do mundo (tempo “Zamani”).

O momento presente é um trançado entre Sasa e Zamani: o tempo espiralar não diferencia ontem, hoje e amanhã – e mesmo a morte talvez seja um truque. É o que experienciamos numa roda de histórias (outro nome para teatro), num toque de tambor ou num olhar-manancial que reverbera séculos: habitamos nessas ocasiões uma encruzilhada temporal, onde o gesto atual convoca o que foi e o que virá. Não como sucessão, mas como dobra viva do tempo.

Se Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só jogou hoje, como diz o provérbio iorubá; se o tempo é espiralar, como aprendemos em tais tradições, talvez não seja o caso de pensar que existe mais passado do que futuro.

Hoje eu vi na internet que, na Amazônia, foram encontrados musgos que se alimentam de plástico. Apesar de tudo, respiro e explico aos meus medos que o mundo está sempre a ser construído: mesmo quando não estivermos mais aqui, individualmente ou como espécie.

O espetáculo *Tempus Fugit*, da Cia. Tal&Pá, parte

da fugacidade do tempo, para compor uma distopia apocalíptica sobre a emergência climática: uma comunidade isolada busca sobreviver após uma catástrofe, em um mundo subterrâneo, enfrentando rebeliões internas e ataques externos; o que tentam sufocar, em nome da sobrevivência deles como últimos humanos. Um enredo onde o destino é moeda de troca, onde a esperança paternalista de que os “fundadores” virão salvá-los se conjuga com autoritarismo, onde se destaca a demonização do outro, por parte daqueles que se acreditam os escolhidos.

O elenco é numeroso e com uma maravilhosa diversidade de corpos. Todes atuam com tanta dedicação e entrega que dá gosto de assistir. As composições corais na movimentação se instauram de maneira eficaz e criativa, construindo imagens e fluxos belíssimos. Por certo, destacam-se os trabalhos de direção e coreografia, que potencializam a pluralidade e unificam as linhas de força. A construção plástica também é um ponto de destaque, principalmente o desenho de luz. Algumas cenas da peça, como a primeira e a do labirinto, são marcantes e ficam impressas na gente depois do espetáculo. As partes dramáticas têm inspiração audiovisual e exploram uma forte carga emotiva, focando na ação de alguns personagens principais.

No bate-papo com o público, as pessoas falaram sobre o que as atravessou: muitas destacaram a potência dos atores e atrizes, jogando coletivamente no palco com muito entrosamento. Uma pessoa mencionou “sensação de arrepio”; outra, que se sentiu “vendo uma novela da Record”; outra, ainda, disse que teve “uma sensação muito grande de impotência: tá bom, o tempo fugiu. Mas a peça terminou e nós estamos

aqui...” Houve relatos também de “sensação de almas penadas correndo no purgatório”, ao passo que uma pessoa questionou, incomodada, o uso de um trecho da bíblia numa voz em off no prólogo.

Cabe ressaltar que o campo das escolhas, mesmo que mais afunilado pelas ameaças do Antropoceno, continua existindo. Ainda estão rolando os dados. O principal é escolher o que vamos fazer com o nosso tempo aqui: se vamos exaltar o peso da culpa devido ao nosso rastro de destruição, ou agir – com ou sem esperança de nos salvar, mas certamente sem o peso moral da culpa – em busca dos “musgos” que comem plástico, em busca de habitar o movimento que rege o tempo espiralar da existência.

Não posso deixar de apontar na peça o que me parece ser uma contradição dramática: entre o potente trabalho com a coralidade, envolvendo todo esse elenco talentoso, e o desenvolvimento dramático e linear do enredo, ao se pautar da ação de alguns personagens principais.

Ao lema latino que dá título ao espetáculo, uma das respostas comuns é o famoso “carpe diem”; no caso das urgências climáticas, a inflexão meramente hedonista do “carpe diem” resulta egoísta e mesquinha. Mas certamente a reflexão a que *Tempus Fugit* nos convoca tem a ação coletivizada como única resposta possível. Uma ação que, como o tempo curvo, inscreve-se no corpo, reverberando as forças do que não tem início nem fim.

Lembremos, pois, aquele itan que narra como os Ibejis enganaram Iku, a Morte: quando ela veio pe-

NO FRESCOR DA HORA

gar um deles, os gêmeos se revezaram cantando e batucando pra ela, que dançava ininterruptamente, sem conseguir parar e também sem notar que não era sempre o mesmo ali tocando e cantando para ela.





FOTOS JOÃO MARIA



NO PICADEIRO, VOAM. NOS BASTIDORES, PREPARAM AS ASAS

POR ANA MACHADO

Bolsista de Apreciação Crítica para o espetáculo *Cálice, O Circo*

Neto Gobbo, diretor e professor do grupo, ainda no camarim, disse ao elenco, “dizem que quando não houver borboletas no estômago, você deve parar de fazer teatro”. E realmente, as borboletas estavam lá: na ansiedade de se apresentar e de serem assistidos,

nas maquiagens feitas e refeitas, na corrida contra o tempo. Ignorar a sua existência faria com que crescessem cada vez mais, como uma grande bola de neve – se não pará-la, vai te atropelar –, então o processo consistia em evidenciar esse sentimento e alinhá-lo junto da coragem.

O grupo Labirinto do Meio Dia – surgido na Oficina de Teatro da Secretaria de Cultura de Gavião Peixoto-SP, realizada no teatro do Espaço do Saber – mescla diferentes idades e pensamentos, tendo como base uma palavra-chave que observei enquanto estive nos bastidores: o acolhimento. Quem tinha mais calma, acalmava quem estava em desespero. Quem precisava de ajuda, era auxiliado por diversos membros do grupo, sem hesitação. A confiança, tecida ao longo desses cinco anos em conjunto, transbordava para muito além da coxia, tendo em vista a sinceridade que sempre pareciam buscar para entregar tudo de si. Acredito que, ao construir essa base sólida dando segurança aos envolvidos, eles mesmos se surpreendem com o que podem fazer, e isso nos foi mostrado em cena.

Cálice, O Circo – espetáculo criado a partir de texto de Neto e desenvolvido com o grupo desde julho de 2024 – apresenta uma família circense que descobre que foi assassinada e precisa achar quem foi responsável, fazendo-os se envolverem em intrigas e desconfianças entre si. Interessante ver o resultado de tamanho encorajamento ao longo do tempo: os jovens, entre 13 a 18 anos – sendo apenas uma pessoa maior de idade, na verdade – crescem em cena de uma forma que engole o público para seu universo sem muito esforço, nos introduzindo como se estivéssemos realmente em um circo. A descontração

vista nos bastidores atravessa o palco com muita naturalidade, trazendo leveza mesmo sendo uma trama trágica. Cria-se, então, um espelho curioso: o público ri, esse riso retroalimenta os atores, alivia a tensão e convida a participação. Depois disso, deixamos de ser apenas espectadores e adentramos à cena.

A individualidade de cada personagem – com referências pesquisadas livremente pelos próprios atores – eleva ainda mais essa energia, nos arrastando com ela. Há, também, a presença de luz, musicalidade e outros recursos cênicos que colocam tudo em um estado de harmonia – aquela que só percebemos que existia quando acaba, porque sentimos sua falta.

Após a apresentação, lágrimas de alegria ao concretizar tanto tempo de ensaio. Emoção à flor da pele. O grupo se abraça, vibra, encontra a família na plateia. É o ritual pós-palco, tão verdadeiro quanto o que se vive em cena. Na conversa com o público após a apresentação, os atores falam da leveza do espetáculo que foi refletida no processo: “*Nossa vida já é sofrida, pra que sofrer mais?*” – e dessa vontade genuína de fazer rir, de se divertir enquanto se entrega.

Porém, voltando à metáfora das borboletas, um de seus conhecidos significados além da transformação é o caos, sendo assim não podemos seguir apenas com a beleza. O universo de *Cálice*, *O Circo*, encanta e contagia na forma com que o grupo conduz a narrativa, descontraído e entregando com todo o vigor. Porém, pensando na troca na mediação com o público, ao mencionarem a homenagem à arte circense e seu esquecimento atual como principal fonte à dramaturgia e para as brincadeiras com o próprio

título, a sensação causada foi que poderiam explorar outras formas de contar essa história, focando em vivências no próprio circo. Penso que, apesar da trama ser funcional, se os personagens fossem trocados, a história se manteria da mesma forma. Ou seja: com ou sem os artistas de circo cairíamos no mesmo lugar. Talvez, por terem partido de um processo coletivo, jovem e generoso, o grupo ainda esteja tateando o quanto pode mergulhar em determinadas camadas, então, deixo aqui algumas provocações:

1. Como o circo pode ser linguagem e não somente estética?
2. Como integrar a vivência circense na dramaturgia de uma forma que, se tirar, não haverá espetáculo?



FOTO JOÃO MARIA



FOTO GAMILA FONTENELE



DE DENTRO DA SEMENTE VIBRARAM 30 FORÇAS. COMO PODE CABER TANTA GENTE ASSIM NUM PALCO?

POR LUCAZ EUSÉBIO

Bolsista de Apreciação Crítica para o
espetáculo *Tempus Fugit*

Vou começar pelo fim:

Estou em cima do palco do Teatro Procópio Ferreira,
grande parte do elenco do Tal&Pá está espalhado,

emocionado, recebendo os cumprimentos do público após a apresentação da peça *Tempus Fugit*. Abraço e parabenizo alguns dos atuantes, quando percebo que o chão está cheio de lentilhas. Levei alguns segundos para entender que eram as sementes que Annie, personagem principal da peça, joga em seu ato final. Nesse momento eu estava junto de Thomas, um dos atores, e perguntei o porquê da escolha da semente ser lentilha: “só você vai saber isso, porque nunca ninguém perguntou” - respondeu e revelou que aquela mesma lentilha tinha sido usada há meses atrás durante o processo criativo da peça, para um procedimento que Val, a diretora, trouxe para eles, provocando-os a escolher salvar o mundo ou deixá-lo como está. E que esse havia sido o disparador dessa cena.

Peguei algumas dessas sementes e as carrego aqui comigo, agora, enquanto escrevo. Estamos no 3º dia de FETESP e para quem leu o que escrevi nas últimas edições deste jornal, já deve ter percebido que eu gosto de um segredo, de um mistério, de uma fofo-ca... de olhar para coisas que não estão tão óbvias no espetáculo, que a gente precisa ir um pouco mais perto para ver. Pensar na relação dos artistas, nos detalhes do seu fazer. Como eu teria descoberto que eram lentilhas se eu não tivesse subido no palco? Não saberia. Ainda carrego a curiosidade de saber o porquê dessa semente, se há algum significado por trás dessa escolha, mas não se pode saber tudo sobre uma obra. O mistério é parte do que mantém uma obra viva, sempre aguçando mais nossas percepções e trazendo novas questões.

E por falar em mistério, qual será o segredo do Tal&Pá, hein, gente? Descobrimos que faz 30 anos que o grupo

existe, sempre renovando as pessoas. Vimos uma coletividade fortíssima na cena, jovens realizando ações corporais complexas, coreografias estruturadas, coralidade de vozes, entradas e saídas recorrentes para trocas de cena, trocas de figurino, enfim, uma sem série de elementos que exigem concentração e sinergia do elenco para que funcione. Como me disse Cecília, uma das atrizes, enquanto se preparava no camarim, “precisamos que as coisas estejam no ritmo, confiando uns nos outros, senão não dá certo”.

Ainda sobre detalhes, durante esses dias conversando com algumas pessoas do grupo, invadindo o camarim ou observando a coxia um pouco antes da peça começar, pude notar os diferentes temperamentos dos atores e atrizes. Uns mais comunicativos, amorosos (feito Mariana, que no primeiro dia já conversou comigo e me precaveu, sem dar spoiler, das reviravoltas que a história daria – risos); outros mais sérios, concentrados, buscando o foco para realizar o trabalho; alguns mais tímidos fora da cena, como Estefany; outros que já gostam de falar sobre o processo criativo, como fez Beatriz no bate-papo. Talvez a beleza more aí, nas diferentes qualidades que cada um carrega. Como seria *Tempus Fugit* se só existissem seis pessoas no elenco? Com certeza não seria Tal&Pá.

Era nítido para o público que viu o espetáculo, e logo depois no bate papo, o quanto cada um está comprometido com o trabalho, a entrega para cena que era sempre um “eu-junto”, as cenas equilibradas em prol do todo, da história. E as cenas coletivas são as mais impactantes, sem dúvida. Parafraseando a frase “A natureza não pertence ao homem, é o homem que pertence à natureza” dita no começo do espetáculo,

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

eu diria: A cena não pertence ao ator, é o ator que pertence à cena.







SOFIA

POR MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

por Maria Luiza Queiroz Freire, estudante do 2º ano do curso de Arte Cênicas do Conservatório de Tatuí e bolsista ofício da Revista BULI no ano de 2025

Dia 21 de julho, às 10h da manhã. A Companhia Berinjelas Fritas apresentou “Mero” no ginásio de esportes Prof. Jordão do Canto e Silva, no bairro Santa Rita. Com plateia intimista, prevaleciam as crianças sentadas sobre um tatame.

Antes da peça, aguardávamos chegar mais pessoas. Por ali, já andava de um lado para o outro uma menina. O que me chamou a atenção foi a música que ela cantava para que todos ouvissem, parecia não haver um pingão de timidez. Inclusive era muito

afinada. Ao final da peça, durante o bate-papo, ela sempre tinha uma observação para fazer. Quando a conversa acabou, eu a abordei e perguntei se gostaria de ser a pessoa entrevistada: aceitou. Sentamos na arquibancada para conversar.

Sofia tem 12 anos, mora no Santa Rita e estuda na escola mais próxima de sua casa; ela já ia dando seu endereço, mas eu a cortei e pedi menos detalhes. Deu risada. Pedi para que falasse de si, me falou da peça. Disse que se sentiu hipnotizada pelas canções, como se estivesse, de fato, no fundo do mar. Sofia conhece teatro, foi aluna do Conservatório e já assistiu a diversas peças. Ela me contou que sua favorita é uma de teatro de sombras chamada “O que seria de mim se não fossem os outros” do grupo Amotinados. Perguntei se ela queria ser atriz; a partir daí nossa conversa tomou outro rumo.

Ela tem o sonho de ser youtuber, também quer fazer animações e ama cantar (isso eu já sabia). “Cantar me liberta de quem sou”, foi o que me disse. Mas do que precisa se libertar? Sofia conta que se sente cansada – em suas palavras “um bagaço” -, nesse cansaço há uma sensação de estar perdida. Perdida em meio às conversas das pessoas que pouco entende, confessa que também não tem interesse em compreender o que dizem, prefere conversar com seus amigos imaginários. Ela tem sete amigos. Seu favorito se chama *Morajo*, uma rubi, e é inspirada nas personagens do desenho “Steven Universo”. *Morajo* tem o hábito de incentivá-la, nunca traiu sua confiança e com profunda sobriedade, me explica o porquê: é ela quem controla as suas ações. Contudo, apesar de controlados, todos seus amigos possuem uma vida individual e tiram férias com ela.

PERFIL

Sofia é uma menina engraçada, mas, conforme nos aprofundamos em seus amigos ela começou a ficar mais reflexiva. Confessou estar preocupada e gostaria de conhecer alguém que pudesse descobrir quem ela realmente é. Gostaria de poder cantar mais alto, quer pensar mais alto e pintar seu cabelo de roxo. Antes de confessar estar cansada da nossa conversa, falou: “meus amigos imaginários me ajudarão a encontrar meu caminho”.



FOTOS JOÃO MARIA

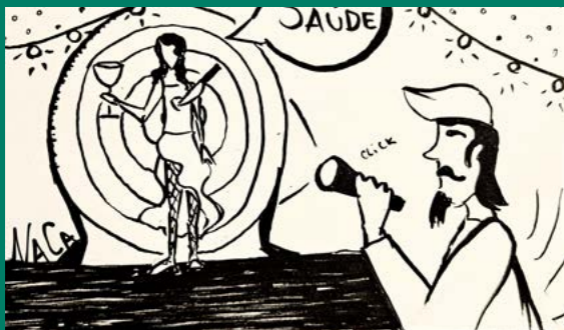
CHARGES



GABRIEL



TADEU RENATO



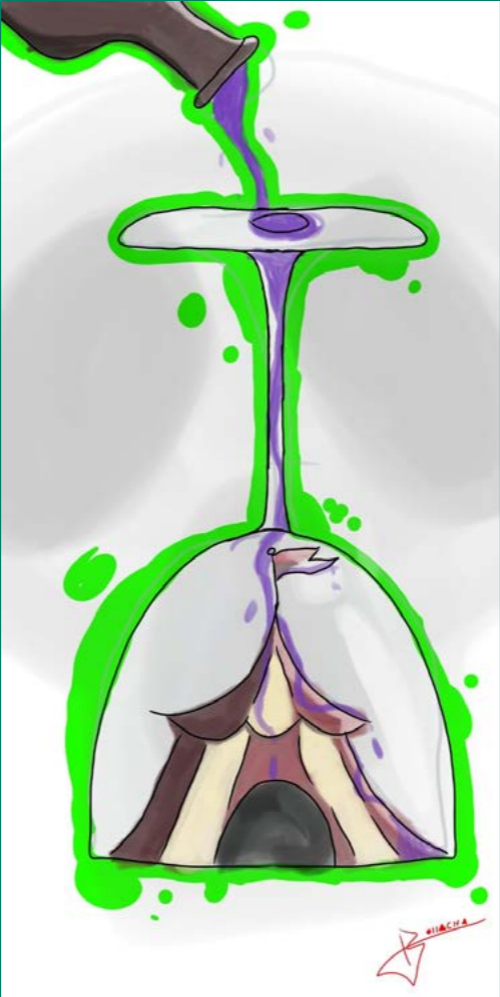
NACÁ



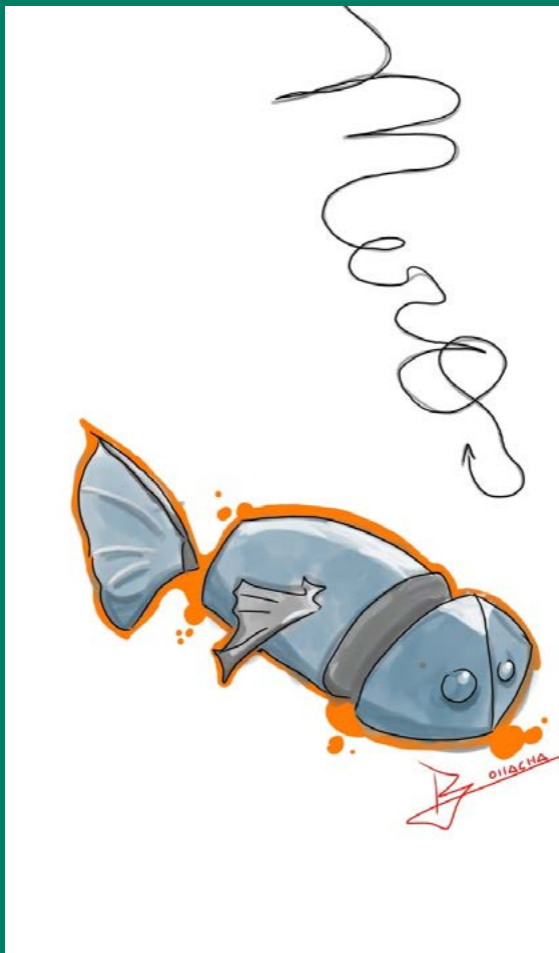
KAIÃO



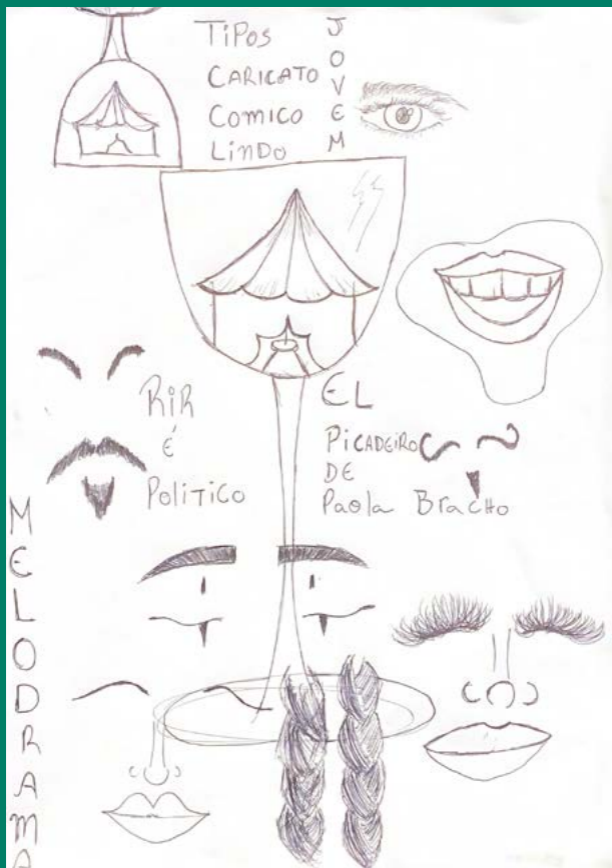
KAIÃO



BORRACHA



BORRACHA



BORRACHA



O GRANDE CIRCO VIDA

POR LARA MIRARTE

Estudante do curso de Teatro para
Adolescentes do Conservatório de Tatuí.

Que seria a vida, afinal? Um grande circo. Cada um de nós, uma atração desempenhando sua função, repetindo espetáculos todos os dias. Será que somos nós mesmos que envenenamos nossas bebidas, e seguimos embriagados de esperança, esperando por um dia melhor?

Somos palhaços em ma(laba)res de ilusões, nos enganando que o pipoqueiro não nos atiraria a faca?

E a cigana?

“Ah, cigana querida. Tu que lestes toda a minha vida e mesmo assim não viste o quanto ela é sofrida. E ainda

tens coragem de dizer-se minha amiga”.

Acredito que se fôssemos mímicos, agradeceríamos mais a todos: preferem que nos calemos e não gritemos, pois se gritarmos, o nó que nos prende a eles se soltaria e assim não mais nos controlaria neste jogo de contorcionismo que chamamos de vida.



GUIA MICHELIN TATHUY – CASA ÁFRICA

POR GRUPO SETE VERBOS

Comida – 

Ambiente – 

Bebida – 

O ambiente salta aos olhos! Acolhedor, música no ponto certo. Lindo banheiro, me senti em casa, mas numa casa melhor. Linda árvore. Anaí, integrante do grupo, disse que não pode comer o coquinho. Acho que a gerência do espaço pode pensar em uma placa indicando isso! Chapéu de sol! As mesas caminhonei-

ras e praticáveis do lado de fora são muito confortáveis e estilosas. Fácil de achar. Amo que se chama casa e é realmente uma casa, com vários cômodos diferentes e mobília legal. Fiquei muito feliz em ver muitos elementos da África. Faz jus ao nome. As pessoas muito legais e queridas! Ótimo para um solzinho e parece que à noite também seria ótimo. Lojinha linda e espaçosa. Mesas de sinuca. Sugestão: parece um ótimo lugar para ter redes! Suco de melancia delicioso, não estava agitado! Na opção vegetariana stroganoff de vegetais falta alguma proteína. Prato bem servido e equilibrado, batata palha e saladinha. A arte de cozinhar!



GUIA MICHELIN TATHUY – HAMBURGUERIA B&K

POR GRUPO SETE VERBOS

Integrantes do Grupo Sete Verbos.

Comida – 

Ambiente – 

Bebida – 

Cebolinha na finura perfeita, importante ressaltar que a salada vem em uma boa quantidade para não cair! Ótima maionese. Tem opção de pimenta, o que

falta em muitas hamburguerias. Atendimento MUITO rápido, impressionante. Na fila era possível ver o preparo dos lanches numa grande janela, como diria o Érick Jacquin, no Pesadelo da Cozinha, isso é muito importante. Perceptível: os ingredientes são frescos e naturais! Seria interessante um acompanhamento, como uma batatinha frita. Excelentes opções vegetarianas! Diliça! Gostaria de ressaltar que em quesitos de decoração o ambiente não inova muito em relação às outras hamburguerias artesanais, apesar de cumprir bem o que se propõe. Destaque para Elvis Presley e Michael Jackson em cima de um carro retrô, tensão homoerótica. As plantas de verdade também! Uma delícia poder tomar um suquinho de laranja vitamínado sem desembolsar 12 reais (aprenda, cidade de São Paulo!). Linda motoca ao lado do banheiro. Jibóia presa do ventilador. Banheiro limpo e com sabonete em abundância

Por fim, deixamos aqui uma reflexão: B&K foi acolhedor e teve serviço eficiente, apoie o comércio local #abaixoasgrandesredes



GUIA MICHELIN TATHUY – CAFÉ DA MANHÃ DEL FIOL

POR GRUPO SETE VERBOS

Comida – 

Ambiente – 

Bebida – 

Um pão que chapa. Um ovo que mexe. Uma maria que é mole. Um suco que é laranja. UMA LASANHA.

Muito poderia se dizer sobre o café da manhã do Del Fiol, mas nenhuma palavra alcançaria a grandeza

desta mais bela refeição. Às vezes, os amigos pelo caminho são os pratos cheios que levamos à mesa. Chococapy é uma relação de balada, já o capuccino é uma relação mais consolidada, cabe a você escolher qual te representa melhor.

A primeira coisa que eu ouvi quando entrei, antes mesmo de dar minha primeira mordida na comida foi "gente, repitam". Desde de então sabia que ia experimentar algo excepcional. Delicioso pastelzinho. O ambiente grita: aqui terás SEU café da manhã de hotel, apesar de muito pouco cinza e pouco musical, não lhe parece irônico em plena cidade da música que um hotel com tema de MÚSICA não tenha MÚSICA? Destaque para a versatilidade do cardápio. Que delícia de frutas, docinhas e saborosas pra começar o dia naquele pique! O suco de laranja também estava uma delícia, beberia desse elixir por 5 dias. Meus cumprimentos ao chefe pelo enroladinho de côco, extremamente cremoso e perfeito para as formiguinhas de plantão. É sobre começar a ter esperança de que um novo dia começa da melhor maneira possível.



SOBRE O AMOR NA PRÁTICA É SEMPRE AO CONTRÁRIO

POR JHONY FURLANETO

Estudante do 2º ano do curso de Artes
Cênicas do Conservatório de Tatuí e bolsista
de produção no 30º FETESP.

Dia dos Namorados

Nesta data que passou

Que comemora a efemeridade

AINDA REVERBERA

Dos vínculos humanos

E a falsa segurança e status

Que alguém quis creditar

Aos títulos desses vínculos fátuos

Torci novamente por alguns dos meus

Aqueles que são não convencionais

Aqueles a quem esses títulos são negados

Aqueles que não são cis

Aqueles que não são héteros

Aqueles que não buscam o ter por ter

Aqueles que não querem reproduzir o padrão inconsciente da hetericidade cis

Torci e torço para que eles encontrem AMOR

Para que sejam poupados desse formato

Inconsistente e vazio

Torci e torço para que encontrem VERDADE

Para que sejam livrados

Da superficialidade e enganação dos títulos

AINDA REVERBERA

Torci e torço para que encontrem RECIPROCIDADE

Para que possam simplesmente existir



VINDO DA NATUREZA É MAIS FÁCIL DE ENTENDER

POR ZUZA

Estudante do 1º ano do curso de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí e bolsista da Cia de Teatro do Conservatório.

Teatro jovem, feito de maneira jovem. O estado físico é de frescor. É LINDO O FUTURO DO TEATRO. Tenho para mim essa peça como valiosa. É nítida à intencionalidade nos assuntos abordados. Cuidado ambiental, gênero, saúde mental. Tudo com muita

AINDA REVERBERA

leveza, cuidado e vindo de atuantes que causam esperança.

MERO, um peixão, um espetáculo das Berinjelas Fritas (nome que eu adoro), um carinho. Confio no que está no futuro.



EM TEORIA, O AMOR.

**POR ABESSA RAMOS, JHONY FURLANETO
E LUCAZ EUSÉBIO**

**Sobre o espetáculo *O amor na prática é
sempre ao contrário***

Num restaurante tomando itubaína e água

Pessoa A – Tenho para mim que o amor é uma escolha.

Pessoa B – Para mim é uma ação

Pessoa T – estou aqui agora e eh isso, presença

Acordos são importantes.

AINDA REVERBERA

porque tem sempre dois lados

Coro – ou mais

Pessoa T – Três talheres que vão rodando e só um prato

Ou três pratos e só um talher?

Pessoa B – 30+ também ama?

Na prática a gente trabalha.

Pessoa A – O amor pra mim é trabalho?

Forma originária de amar, qual é?

Quero alguém para tomar café da manhã comigo.

Eu não quero alguém.

Pessoa T – O amor e o silêncio, o barulho do prato.

Coro: ou mais

Pessoa B –

A boca que mastiga

Ama

E engole o mundo

Pessoa A – É divertido engolir o mundo do outro

AINDA REVERBERA

Fundir

Para logo ser outro

Coro – Expandir

Feito raiz para longe

Pessoa T – Alguém canta

Pessoa B – Espero que você seja feliz

Aí esse amor abstrato

Vem tecendo o futuro

Sem

Pessoa A – Acento?



POEMA A PARTIR DE ÓPERA DO MALANDRO

POR SARZI

Estudante do curso de Teatro para
Adolescentes do Conservatório de Tatuí.

A pinga que pinga quente em meu coração
será bebida por alguém que nem olha para ele
Esse alguém não sabe meu nome,
meus gostos, minhas fases
e nem me leva para jantar

AINDA REVERBERA

Apenas bebe de minha cachaça

e usa de meu corpo mal-amado

Chega um ponto em que eu jogo

pedra em mim mesma

Será que sou feita para isso?

Esse é o meu destino?

Ser feita de Geni

para um Zepelim?



O AMOR, NA PRÁTICA, É SEMPRE AO CONTRÁRIO

POR TIAGO AGUIAR

Estudante do curso de Teatro para Adolescentes do Conservatório de Tatuí.

Ao som de Cazuza uma história se inicia: no palco do Centro Cultural, um grupo de teatro formado por adolescentes nos apresenta seu espetáculo.

Emocionando o público, o enredo gira em torno de um triângulo amoroso extremamente comovente. As personagens principais são interpretadas por diver-

soos atuantes que representam cada um as “vozes da mente” de cada personagem. A narrativa é repleta de MPB e de autodescobertas, trazendo o questionamento sobre o significado da palavra amor. Ao final do espetáculo todos sentiram gostinho de quero mais, o público aplaudiu de pé.

Mais tarde ao bate papo foi possível também esclarecer algumas dúvidas, entender o lado dos atores, visualizar a comoção do público independente da idade. Devo também expressar minha admiração pelo fato do enredo explorar de uma forma extremamente real a vida, os sentimentos e o amor adolescentes, trazendo também um elenco extremamente preparado fazendo nós, o público nos conectarmos ainda mais com os personagens, algo que evidentemente ocorreu comigo.



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE





[voltar ao topo](#)

EXPEDIENTE

Editores

João Fabbro
Tadeu Renato

Coordenador Editorial

Antonio Salvador

Produção Editorial

João Fabbro

Colaboradores Convidados

Marcus Groza
Ymoirá Micall

Colaboradores

Abessa Ramos
Ana Machado
Borracha
Gabriel
Jhony Furlaneto
Kaião
Lara Mirarte
Lucaz Eusébio
Maria Luiza Queiroz Freire
Nacá
Sarzi
Tadeu Renato
Thiago Aguiar
Zuza

Coletivos que Integram a Edição

Grupo Sete Verbos

Revisão de Textos

João Fabbro
Roberto Anzai
Tadeu Renato

Arte Design

Lívia da Silva

Assistente Arte Design

Renata Corrêa

Fotografia

Camila Fontenele

João Maria

Coordenador de Comunicação do 30º FETESP

Maurício Coronado

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes
Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



patrocínio



Zanchetta

cipatex®



MARQUESPAN
ALIMENTOS



parceria



Secretaria de
Espanha, Cultura,
Turismo e Lazer

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO 1000%

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO